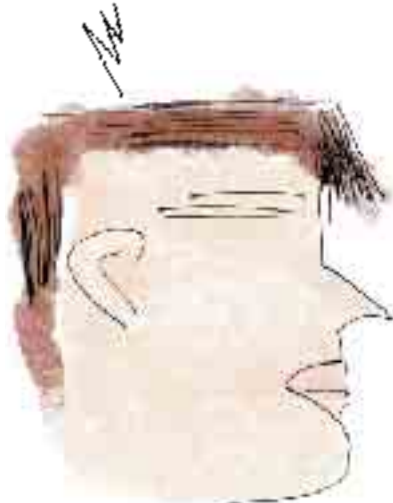




AS NAÇÕES UNIDAS APRESENTARAM SEU RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO 2006. O BRASIL PERDEU SEIS PONTOS



SEGUNDO DADOS DO RELATÓRIO, OS RESULTADOS OBTIDOS PELOS PROGRAMAS SOCIAIS CONSEGUIRAM TIRAR O BRASIL DA PENÚLTIMA POSIÇÃO NO RANKING DA DISTRIBUIÇÃO DE RENDA NA AMÉRICA LATINA.



BRASIL APARECE COMO O DÉCIMO PAÍS MAIS DESIGUAL ENTRE OS 126 ANALISADOS.



LONGE DO IDEAL As Nações Unidas apresentaram seu Relatório de Desenvolvimento Humano 2006. O Brasil perdeu seis pontos. Ocupa agora o 69º lugar, entre as 126 nações avaliadas. Na América Latina, seis países ocupam melhor posição que o Brasil no ranking, entre eles Argentina, Chile, Uruguai, Costa Rica, Cuba e México. Estes seis países estão classificados, respectivamente, entre a 36ª e a 53ª posição. No quesito desigualdade, o Brasil aparece como o décimo país mais desigual entre os 126 analisados. Permanecemos no grupo dos que têm a pior distribuição de renda, apesar dos programas sociais do governo Lula.

PENÚLTIMA POSIÇÃO Na América Latina, pior do que o Brasil estão a Colômbia 70º, o Peru 82º Equador 83º, Paraguai 90º, República Dominicana 94º, El Salvador 101º e Bolívia 115º. Segundo dados do relatório, os resultados obtidos pelos programas sociais e pela política econômica implantada a partir de 2003 conseguiram tirar o Brasil da penúltima posição no ranking da distribuição de renda na América Latina. O relatório mostra ainda que os 10% mais ricos do país concentram 45,8% da renda nacional e os 10% mais pobres, ficam com 0,8%. Estes percentuais revelam um pequeno crescimento na distribuição de renda em relação a 2005, quando os 10% mais ricos detinham 46,9% da renda nacional e os 10% mais pobres ficaram com 0,7%.

DESENVOLVIMENTO HUMANO Segundo o professor do Departamento de Políticas Sociais da UNB, Vicente Faleiros, a questão da desigualdade social envolve aspectos mais amplos do que melhoria de renda. Na sua avaliação, itens como saneamento básico, saúde, educação, acesso à justiça e habitação também fazem parte do que ele chama, “cesta da cidadania”. O Pnud, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, considera que o saneamento básico é um dos maiores desafios para melhorar o Índice de Desenvolvimento Humano no mundo. De acordo com o relatório, o acesso à água tratada e ao esgoto tem efeito direto na saúde e na educação das pessoas. Infecções

transmitidas pelas más condições de saneamento prejudicam o aprendizado de 150 milhões de crianças no mundo.

O DESAFIO DO SANEAMENTO No Brasil, os 20% mais ricos da população têm saneamento básico igual ao dos países mais ricos. Os 20% mais pobres, contudo, têm uma cobertura pior do que o Vietnã. O Pnud recomenda que, cada país invista 1% do PIB, por ano, para aumentar o acesso aos serviços de saneamento básico e água encanada. O governo Lula investiu em média 0,31% do PIB por ano, desde 2003. Mas para atingir a meta e levar saneamento básico a todos os brasileiros, o país terá que investir 0,45% do PIB, por ano, até 2024.

GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS Dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio, realizada pelo IBGE em 2005, revelam que 43,67 milhões de residências contam com serviços de abastecimento de água – 82,3% do total. Contudo, o problema não está na oferta, mas na gestão dos recursos hídricos. O Rio Tietê, em São Paulo, por exemplo, é cronicamente poluído por esgoto não-tratado e com alta concentração de metais pesados como chumbo e cádmio, entre outros. Esta poluição ameaça o meio-ambiente, a saúde pública e reduz o fluxo de água para consumo humano.

DESVANTAGEM A Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústria de Base (Abdib) afirma que o Brasil desperdiça anualmente R\$ 14,2 bilhões com tratamento médico e mortalidade de crianças porque não tem uma rede de saneamento básico que atenda a toda população. A Abdib estima que – se as obras necessárias para a construção de tal rede fossem executadas – 1.600 postos de trabalho seriam criados e R\$ 10 bilhões investidos a cada ano. Muito longe do ideal, o Bolsa Família conseguiu apenas tirar o Brasil do penúltimo lugar no ranking da distribuição de renda. Hoje, sete nações latino-americanas estão em desvantagem em relação ao Brasil. Porém, a maior desvantagem está na falta de políticas públicas eficientes.